

**Orquídea Ribeiro**

**Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal**

## **Da ruralidade à cidade: a reinvenção da tradição oral na cultura angolana contemporânea**

### **Resumo:**

Na oralidade tradicional africana encontramos contos, fábulas e lendas, com elementos da natureza, espíritos e símbolos sobrenaturais, experiências e costumes vividos pelos antepassados e a sociedade em geral que se reflectem/reflectiam nos aspectos relevantes da vida em comunidade. Com a guerra e a deslocação de populações das zonas rurais para as zonas urbanas à procura de protecção ou simplesmente para fugir ao conflito armado, assistiu-se a uma perda de valores da cultura oral das sociedades tradicionais devido à discrepância entre os hábitos e costumes das zonas rurais e zonas urbanas. As características ou técnicas narrativas atribuídas à literatura de tradição oral, especialmente ao conto – história simples, acção linear, moralidade final – utilizadas também pelo romance moderno africano, são evidentes na literatura angolana contemporânea, nomeadamente, na “Estória da galinha e do ovo” de Luandino Vieira incluída na obra *Luuanda* (1964), que aqui será analisada.

**Palavras-chave:** tradição oral, literatura angolana contemporânea, sabedoria ancestral, Luandino Vieira, *Luuanda*

### **From the rural to the urban: the reinvention of oral tradition in contemporary Angolan culture**

**Summary:** The folktales, fables, legends of the traditional African oral literature present elements from nature, spirits and supernatural symbols, experiences and customs lived by the ancestors and society in general that are reflected in the relevant aspects of communal life. With the war and the movement of people from the rural areas to the urban centres in search of protection or simply to avoid the armed conflict, the oral cultural values of the traditional societies were lost due to the discrepancy of the habits and customs between rural and urban areas. The characteristics or narrative techniques attributed to the literature of the oral tradition, especially the folktale – simple story, linear action, final morality – also used by the modern African novel, are evident in contemporary Angolan literature, namely in the “Estória

da galinha e do ovo” by Luandino Vieira included in *Luuanda* (1964) that will be analysed here.

**Keywords:** Oral tradition, contemporary Angolan literature, ancestor, Luandino Vieira, *Luuanda*

«I will tell you something about stories...  
They aren't just entertainment...  
They are all we have...to fight off illness and death.  
You don't have anything if you don't have the stories.»  
--Leslie Marmon Silko, epigraph to *Ceremony* (1977)

«Na África, cada ancião que morre  
é uma biblioteca que se queima.»  
Amadou Hampâté Bâ

A tradição oral é a fonte primordial da história. A palavra oral, a fala, foi sempre muito mais importante para os africanos do que a escrita, que não passa de uma memória artificial. É através da memória, da fala, que a História da África tem sido contada e passada entre os africanos ao longo das gerações. A cultura africana é predominantemente oral, as histórias contadas e recontadas são a forma mais eficaz de perpetuar a tradição e os costumes.

Os contos, fábulas e lendas são instrumentos da tradição oral africana e incluem elementos da natureza, espíritos e símbolos sobrenaturais e experiências vividas pelos antepassados e contemporâneos; reflectem os aspectos relevantes da vida em comunidade. A necessidade de narrar impõe-se e a literatura tradicional é fértil em possibilidades novas e criativas: histórias, contos, provérbios, adivinhas, poemas. É a chamada “tradição oral” - a memória de um povo – passando, de geração em geração, e permanentemente actualizada em função da realidade quotidiana.

Em Angola, com as guerras colonial e civil e com a deslocação de populações das zonas rurais para as cidades e zonas de acantonamento à procura de protecção ou simplesmente para fugir ao conflito armado, assistiu-se a uma perda dos valores da cultura oral das sociedades tradicionais. Esta perda deveu-se à discrepância entre os hábitos de vida e

os costumes das zonas rurais e zonas urbanas. Angola é um país multiétnico e o pluralismo cultural evidencia-se hoje, cada vez mais na cultura urbana. Nas cidades da nova Angola convivem elementos de vários grupos étnicos que utilizam, entre outras, a língua portuguesa como meio de comunicação, no entanto as línguas nacionais permanecem como essenciais para a preservação da identidade dos grupos. É importante aqui sublinhar que o território hoje chamado Angola se situa numa encruzilhada de civilizações e culturas o que se espelha numa realidade pluriétnica angolana. O número crescente de angolanos urbanos que não se expressa nas línguas nacionais influencia negativamente a manutenção da tradição oral; os novos contadores de histórias narram agora histórias tradicionais traduzidas para português. Na tradução e na conseqüente transcrição da língua tradicional para o Português, os contos, as narrativas míticas, as histórias perderam o cunho literal e sucinto que possuíam na língua original falada, transformando-se em produtos literários. Como afirma Adriano Correia Barbosa, «oralidade é pois a própria vida do conto tradicional. Este, narrado no seu contexto próprio, é celebração; reduzido à escrita, não passa de uma múmia.» (Barbosa 1990: 12)

Já no século XIX, o escritor e poeta angolano Joaquim Dias Cordeiro da Mata demonstrou preocupação com a preservação da tradição oral ao optar pelo Quimbundo em detrimento da língua colonial, o Português. Para o missionário protestante suíço Heli Chatelain, esta iniciativa foi decisiva para a preservação da literatura angolana nativa (escrita em Quimbundo) (Chatelain 1974: viii). Entre as recolhas mais significativas feitas no século XIX de textos transmitidos por tradição oral está a obra publicada por Chatelain, em 1894, para a American Folk-Lore Society com o título *Folk-Tales of Angola*. Durante o século XX, os missionários tiveram um papel importante na recolha e registo de textos orais, o que contribuiu para a preservação da memória oral em Angola. Um bom exemplo foi o trabalho efectuado pelo Padre Carlos Estermann que contribuiu para a preservação da tradição oral angolana ao incluir alguns textos recolhidos durante a sua estadia em Angola na *Etnografia do Sudoeste de Angola* (três volumes) que dizem respeito, essencialmente, aos povos do Sudoeste de Angola. Estermann optou por transcrever alguns textos na língua original, seguido da versão portuguesa. Mais recentemente, em 1990, o também padre Adriano Barbosa publicou *Angola: Imagens e Mensagens. Contos tradicionais*, uma colectânea de contos tradicionais Quicocos recolhidos durante os anos setenta e oitenta. O registo da literatura oral em versão portuguesa confronta o leitor/investigador com implicações acerca da fidelidade da transcrição, pois qualquer tradução não transmite inteiramente o colorido e a musicalidade dos textos vernáculos.

Em 1993, Pepetela reafirmava a perspectiva pouco animadora, já antes apresentada por Carlos Estermann, de que a tradição oral estava em vias de extinção. As poucas recolhas levadas a cabo e a guerra, na segunda metade do século XX, contribuíram para o panorama pouco animador em relação ao futuro da literatura tradicional de transmissão oral:

Em relação à literatura oral, as recolhas realizadas até agora são muito poucas e, no caso de Angola, essa tradição está-se esboroando por causa dessa guerra prolongada. As populações saem do interior, perdemos laços tradicionais e a figura daquele mais velho contador de histórias, o griot, desapareceu praticamente. Isto em termos de campo. Encontramos apenas alguns griots suburbanos, mas é uma coisa que está desaparecendo.<sup>1</sup>

A tradição oral reflectia a vida do povo angolano em toda a sua essência, pois através dela são dados a conhecer os seus costumes, filosofia, moral, cultura, tradições, religião e outros aspectos da vida. A tradição oral transmitia-se naturalmente no quotidiano das comunidades: os contos, histórias e provérbios eram narrados pelas pessoas mais velhas da tribo, os anciãos, geralmente ao fim do dia, após a refeição, ocasião de reunião que juntava grande parte dos membros da comunidade para um momento de lazer, findas as tarefas diárias. Estas reuniões ou conversas, ao serão, nas quais se transmitia a sabedoria popular e a experiência de vida, tinham lugar debaixo de uma árvore, no quintal ou no *django* da comunidade<sup>2</sup>.

Os diversos tipos de narrativas variam consoante o grupo étnico e atestam o poder inventivo e poetizante do espírito humano. Há contos com a função de entreter e divertir, outros com a função de moralizar e educar. A exactidão e autenticidade da literatura oral africana está dependente do narrador.

O Padre Carlos Estermann inclui na literatura tradicional de transmissão oral os “trechos” em prosa, provérbios e adivinhas, poematos, que exigem quase sempre acompanhamento melodioso vocal (Estermann 1960b: 206). Inclui, ainda, contos que se dividem em três classes: os contos cujos figurantes são animais (narrativas animais), os contos que têm por protagonistas monstros antropófagos ou outros seres monstruosos e as narrativas que contém elementos míticos (Estermann 1960b: 207).

Existem ainda os contos sobre a vida quotidiana, narrativas sobre os exórdios tribais (onde são relatadas migrações de tribos e/ou fixações de clãs). Chatelain evidenciou a

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida por Pepetela a E.M. de Melo e Castro, publicada no Jornal Público de 1993.10.19.

<sup>2</sup> *Django* - espaço de forma circular coberta onde os mais velhos se reúnem para deliberar; sala comunitária da aldeia.

existência da narrativa animalésca entre muitas etnias Bantas, especialmente entre os Quimbundos, que dão especial relevo ao conto animalésco, ao contrário, por exemplo, dos grupos Hereros que desconhecem tal variedade de conto, preferindo narrar episódios mais ou menos fantasiados da vida quotidiana que, implícita ou explicitamente, contêm uma lição de moral.<sup>3</sup>

No período pós-independência assistiu-se a um aumento da produção de textos de escritores africanos em língua portuguesa. Este aumento está relacionado com questões políticas e históricas, pois no período anterior à independência existiam menos oportunidades para publicação. No período pós-independência surge a necessidade de afirmação da identidade individual e colectiva e a literatura afirma-se como um meio de divulgação da diversidade literária e cultural.

Fiéis às culturas tradicionais, na forma como concebem o texto e o narram, muitas das produções literárias do período pós-independência lembram as narrativas orais dos contadores de histórias tradicionais: sobressai a expressividade, a linguagem espectáculo, as variedades de linguagens idiomáticas e a imitação do estado de espírito das personagens que faz lembrar o modo de contar ancestral. A capacidade inventiva dos escritores, que chega à actualidade através da literatura escrita em língua portuguesa, tem as suas origens na literatura oral transmitida nas línguas nacionais. Tal como as narrativas da tradição oral africana também as histórias dos escritores contemporâneos têm quase sempre uma componente moralizante, também encontrada nas histórias de escritores contemporâneos.

O ensaísta senegalês Mohamadou Kane,<sup>4</sup> insiste na «sobrevivência da tradição [oral africana] num contexto de modernização», e na «continuidade relativa do discurso tradicional oral no discurso escrito» (Leite 2005: 149). As características ou técnicas narrativas que Kane atribui à literatura de tradição oral, especialmente ao conto – história simples, acção linear, moralidade final – utilizadas também pelo romance moderno africano, são evidentes na literatura angolana contemporânea, nomeadamente, na “Estória da galinha e do ovo” de Luandino Vieira incluída na obra *Luuanda* (1964), que aqui será analisada.

A obra *Luuanda* foi escrita na prisão em Luanda e retrata o bilinguismo da capital angolana onde o Português convivia com o Quimundo, língua falada na região de Luanda. O próprio título africanizado da obra remete-nos já para Luanda, a capital, e «lança as bases

<sup>3</sup> Os Quimbundos são povos do grupo Banto que habitam o Noroeste de Angola; Os Herero são povos pastores (gado bovino) do grupo Banto que habitam a parte Central da Namíbia, o Sul de Angola e o Botswana. O grupo mais significativo e conhecido de Herero em Angola são os Cuvale, que vivem na zona desértica da província do Namibe e são pastores nómadas.

<sup>4</sup> Autor de *Roman Africain et Tradition* (1983)

para uma profunda africanização da linguagem literária de raiz portuguesa» (Trigo 1981: 390). O texto é composto por três estórias. “Estória” é diferente de “história”: é mais longa que o conto mas mais curta que a novela ou o romance.<sup>5</sup> Luandino também optou pelo termo “estória” porque este traduz mais fielmente a palavra em Quimbundo *musoso* que significa história moral ou alegoria, fábula narrativa ou conto (Reisman 1987: 73 in Chabal 1996: 135). “Estórias” designam narrativas de cunho tradicional e popular. A ligação com a oralidade africana é feita através de um modo de narrar que se processa espontaneamente e que remete para a tradição oral e para as histórias contadas à volta da fogueira. Como afirma Adriano Barbosa, «O conto actualiza e dá vida à mensagem ou tradição... A oralidade é pois a própria vida do conto tradicional. Este narrado no seu contexto próprio, é celebração.» (Barbosa 1990:12). Luanda e os seus musseques contextualizam as três estórias que têm como motivos principais a fome e a escassez de meios já evidentes na década de sessenta e que se prolongam até aos dias de hoje.

«*Luuanda* foi uma ruptura» disse Luandino numa entrevista em 1978.<sup>6</sup> De facto, a obra apresenta uma linguagem inovadora, que combina aspectos do português padrão com formas espontâneas da oralidade praticada pelas populações marginalizadas dos bairros pobres de Luanda. Talvez por isso Pires Laranjeira insere *Luuanda* na fase da escrita de Luandino que

tenderá progressivamente para a destruição da pacatez da leitura, disseminando marcas de angolanização da língua portuguesa, subvertendo a norma comunicativa do português-padrão de Lisboa, adoptando gírias, neologizações, tipicismos e outros recursos, também sintácticos, orais e tradicionais africanos, para construir uma língua literária propícia ao imediato reconhecimento da sua diferença. (Laranjeira 1995: 121)

A “Estória da galinha e do ovo” passa-se no musseque Sambizanga, um bairro de lata numa zona suburbana de Luanda. É um texto marcado profundamente pela oralidade em que expressões em Quimbundo se misturam com o Português, uma forma encontrada por Luandino para reforçar e exaltar as raízes culturais que nos espaços urbanos tendiam a perder as suas marcas e características únicas. O respeito pelos mais velhos e pela sua sabedoria é um instrumento tradicional valioso nas culturas tradicionais africanas. Como prova de que a aculturação e a perda de valores tradicionais está em marcha, é-nos apresentada a falta de

<sup>5</sup> O termo “estória” já tinha sido utilizado pelo brasileiro Guimarães Rosa, autor de *Sagarana* lido por Luandino quando este esteve preso em Luanda durante os anos sessenta. Luandino afirma a importância da leitura do autor brasileiro no que respeita aos processos de criação linguística. (Laban *et al* 1980: 27)

<sup>6</sup> Encontro de 18 de Junho de 1978. (Laban *et al* 1980: 69)

capacidade da velha Bebeca, com toda a sua sabedoria de “mais-velha,” para mediar e resolver a contenda da galinha e do ovo entre as duas vizinhas, Nga Zefa e Nga Bina mulheres negras e pobres. Nga Zefa tem uma criação de galinhas, mas uma das galinhas insiste em ir debicar para o quintal de Nga Bina que está grávida. Bina dá milho à galinha e esta põe um ovo no seu quintal. A confusão instala-se quando as duas reivindicam o direito ao ovo.

Nesta estória, a resolução do conflito implica a opinião e intervenção de diversas personagens tipificadas de diferentes grupos sociais e profissionais da Angola colonial: o Sô Zé, comerciante branco; o Sô Vitalino, proprietário de várias cubatas (representante do poder económico); Azulinho, o aspirante a seminarista (representante do poder clerical e da instrução); Artur Lemos, ex-ajudante de notário e burocrata da folha de vinte e cinco linhas (representante da burocracia); e o sargento, chefe da patrulha (representante da autoridade e da experiência colonial). Todos tentam resolver a discórdia entre as duas mulheres em benefício próprio. A chegada da polícia representa uma ameaça vinda de fora, exterior ao grupo. Todos os outros intervenientes tinham alguma ligação ao grupo. A patrulha da polícia simboliza a opressão (política). No fim, são os miúdos Beto e Xico com as suas habilidades e a sua capacidade para imitar os ruídos dos animais que resolvem a contenda e alcançam a justiça: os garotos do musseque enganam a patrulha e salvam a galinha das mãos do sargento. O grupo recupera o sentido de união e de comunidade. E Vavó Bebeca entrega o ovo a Bina com a concordância de Nga Zefa. A luta pela posse do ovo termina com o velho e o novo a chegarem a um entendimento: a velha Bebeca, símbolo da tradição, entrega o ovo a Nga Bina, que na barriga traz a esperança e a possibilidade de um futuro melhor:

De ovo na mão, Bina sorria. O vento veio devagar e, cheio de cuidados e amizade, soprou-lhe o vestido gasto contra o corpo novo. Mergulhando no mar, o sol punha pequenas escamas vermelhas lá embaixo nas ondas mansas da Baía. Diante de toda a gente e nos olhos admirados e monandengues de miúdo Xico, a barriga redonda e rija de nga Bina, debaixo do vestido, parecia era um ovo grande, grande... (Vieira 2004 [1964]: 152 )

O vagar do vento, o sol e a mansidão do mar ao recebê-lo demonstram a solidariedade da natureza com Bina que carrega dois ovos - um nas mãos e outro na barriga -, símbolos das vidas novas que se anunciavam. O conflito interno terminou e está salvaguardada a identidade do grupo simbolizada pelo ovo.

A “Estória da galinha e do ovo” (e *Luuanda*) mantém uma relação profunda com o universo da oralidade, remetendo para os contos tradicionais transmitidos oralmente, como afirma Salvato Trigo: «As estórias que compõem o livro são contributos sociológicos para traçarmos o perfil duma capital com enormes contrastes sociais e étnicos» (Trigo 1981: 412) A ligação do africano à natureza, que define a sua identidade cultural, o “dato cultural africano,” referido por Luandino em 1977,<sup>7</sup> sobressai no fim da estória: os negros estão mais próximos da natureza (os miúdos do musseque imitam os animais e enganam a autoridade); os brancos e seus representantes estão próximos da palavra, do poder económico e da autoridade.

Ao terminar com «Minha estória. Se é bonita, se é feia, vocês é que sabem. Eu só juro que não falei mentira e estes casos passaram nesta nossa terra de Luanda.» (Vieira 2004 [1964]: 152) Luandino assume o papel do velho contador de estórias da tradição oral africana.

Os valores da cultura africana coabitam com os modelos introduzidos em Angola pela colonização, pela globalização e pelas novas tecnologias, mas a influência da tradição oral continua presente nos textos de escritores angolanos contemporâneos. Patrick Chabal destaca o papel importante e inovador dos escritores africanos contemporâneos que escrevem literatura numa língua europeia, reflectindo a tradição oral e cultural africana, criando assim uma nova cultura africana escrita (Chabal 1996: 9). Mas a literatura oral angolana e o acervo de textos escritos nas línguas nacionais não ocupam (ainda) lugar visível no que é hoje considerado o corpus da literatura angolana.

## **BIBLIOGRAFIA**

- BARBOSA, Adriano C. (1990) *Angola: imagens e mensagens. Contos tradicionais*. Santo Tirso: Mosteiro de Singeverga, Ed. Ora & Labora.
- CHABAL, Patrick *et al* (1996) *The Post-Colonial Literature of Lusophone Africa*. London: Hurst & Company.
- CHATELAIN, Héli (1964) “*Folk-Tales of Angola* (Fifty Tales, With Kimbundu Text Literal English Translation Introduction, And Notes) Collected and edited by Heli Chatelain, Late U.S. Commercial Agent at Loanda, West Africa, Boston and New York, Published for the American Folk-Lore Society by GE. Stechert & Co., 1894”).

---

<sup>7</sup> Encontro de 6 de Abril de 1977 (Laban *et al* 1980: 24).

- (1960a) *Etnografia do Sudoeste de Angola. Os povos não- -Bantos e o Grupo Étnico dos Ambós*, I vol. (2.<sup>a</sup> ed. corr.). Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, Memórias Série Antropológica e Etnológica n.º 4.
- (1960b) *Etnografia do Sudoeste de Angola. Grupo Nhaneca-Humbe*, II vol., 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, Memórias, Série Antropológica e Etnológica n.º 5.
- (1961) *Etnografia do Sudoeste de Angola. O Grupo Étnico Herero*, III vol. Lisboa: Memória da Junta de Investigações do Ultramar, N.º 30.
- (1983) *Etnografia de Angola (Sudoeste e Centro). Colectânea de artigos dispersos*, 2 vols. (colig. Geraldês Pereira e apres. Manuel Viegas Guerreiro). Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical.
- FINNEGAN, Ruth (1970) *Oral Literature in Africa*. Nairobi: Oxford University Press.
- GONÇALVES, António Custódio (2003) *Tradição e Modernidade na (Re) Construção de Angola*. Porto: Edições Afrontamento.
- LABAN, MICHEL *et al* (1980) *Luandino: José Luandino Vieira e a sua obra*. Lisboa: Edições 70.
- LARANJEIRA, J.L. (1995) *A Negritude Africana de Língua Portuguesa*. Porto: Ed. Afrontamento.
- (1995) *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- LEITE, Ana Mafalda (2005) “Modelos Críticos e Representações da Oralidade Africana”. *Via Atlântica* N° 8 Dez. 147-162.
- OKPEWHO, Isidore (1992) *African Oral Literature. Backgrounds, Character and Continuity*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press.
- TRIGO, Salvato (1981) *Luandino: O Logoteca*. Porto: Brasília Editora.
- VIEIRA, José LUANDINO (2004) *Luuanda*. Lisboa: Caminho.